



APORTES PARA EL SINODO

LUGARES

PORTUGUES

Entre as igrejas e no mundo: a concretização da comunhão

O entendimento de uma “Igreja em Saída” tem muitas implicações práticas. Não é apenas sair do templo, é mergulhar no meio de toda a humanidade em suas mais diversas realidades. É encarnar-se! É viver a fraternidade universal. É “armar a tenda no meio do povo”, assim como fez o próprio Deus ao enviar seu Filho para o nosso meio. Ele não veio através de mensageiros, como o fez anteriormente, mas pessoalmente. E fez questão de afirmar: “eu vim para servir, não para ser servido” (Marcos 10,45).

Se a Igreja não entender seu papel de ser “sal, fermento e luz” (Mateus 5,13-15), ela vira uma “bolha” na sociedade, que ninguém vê e sequer se interessa. E ser sal, luz e fermento não é só tarefa de leigos, mas de todo aquele que se diz discípulo de Jesus Cristo. E a advertência de Jesus é severa: “se o sal perder o seu gosto, não serve mais para nada, a não ser para ser jogado fora e pisado pelos homens” (Mateus 5,13). Uma Igreja insossa, enclausurada numa bolha, é uma Igreja que perdeu o único poder legitimamente evangélico que tem, isto é, de ser sal, fermento e luz.

Nesse sentido, recordando o Vaticano II, “todas as tristezas, alegrias, sofrimentos, desafios da humanidade, são também todas as tristezas, alegrias, sofrimentos e desafios da Igreja”. Então, as questões sociais, políticas, econômicas, climáticas, dizem respeito também a uma Igreja que se pretende fiel ao serviço da humanidade e de toda a criação, assim como fez o Filho de Deus.

Se somos uma Igreja viva, não um museu medieval, seremos capazes de nos encarnar, teremos a capacidade de nos abirmos para toda forma de diálogo, com todas as igrejas, com todas as religiões, com os ateus, com aqueles que pensam e são muito diferentes de nós, mas que buscam o que é justo, a paz e o cuidado com a Criação. Esse é o desafio do século XXI para o futuro da Igreja no mundo.
